



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO MUSICAL
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

LYDIANNE PEREIRA DO NASCIMENTO

**PROCESSOS DE EDUCAÇÃO MUSICAL INFANTIL NA EDUCAÇÃO BÁSICA
SOB A PERSPECTIVA DE UMA PROFESSORA**

João Pessoa
Junho/2020

LYDIANNE PEREIRA DO NASCIMENTO

**PROCESSOS DE EDUCAÇÃO MUSICAL INFANTIL NA EDUCAÇÃO BÁSICA
SOB A PERSPECTIVA DE UMA PROFESSORA**

Monografia apresentado ao Curso de Licenciatura em Música – Práticas Interpretativas - da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Música.

Orientação: Prof^a. Dr^a Silvia Sobreira

João Pessoa
Junho/2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N244p Nascimento, Lydianne Pereira do.

PROCESSOS DE EDUCAÇÃO MUSICAL INFANTIL NA EDUCAÇÃO
BÁSICA SOB A PERSPECTIVA DE UMA PROFESSORA / Lydianne
Pereira do Nascimento. - João Pessoa, 2020.
50 f.

Orientação: Silvia Garcia Sobreira Sobreira.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Ensino de música; Educação Infantil; Musicalização.
I. Sobreira, Silvia Garcia Sobreira. II. Título.

UFPB/CCTA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA**

A monografia de LYDIANNE PEREIRA DO NASCIMENTO, intitulada *PROCESSOS DE EDUCAÇÃO MUSICAL INFANTIL NA EDUCAÇÃO BÁSICA SOB A PERSPECTIVA DE UMA PROFESSORA* foi aprovada pela banca examinadora:

Profa. Silvia Garcia Sobreira (orientadora)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Professora colaboradora - Departamento de Educação Musical - UFPB

Profa. Luceni Caetano da Silva
Departamento de Música

Prof. Fábio Henrique Gomes Ribeiro
Departamento de Educação Musical

João Pessoa, 03 de julho de 2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por me permitir chegar até aqui. Ele foi um verdadeiro guia nessa jornada, que nunca me abandonou nos tempos difíceis. Jamais teria conseguido vencer sem sua ajuda. Agradeço por tudo o que Ele tem feito em minha vida e o que ainda vai fazer.

Ao meu pai, Rogério Ângelo do Nascimento (*in memoriam*), que não pode estar presente na minha primeira graduação (Bacharelado) e nem nesta segunda graduação (Licenciatura), mas esteve por muitos anos ao meu lado, incentivando o meu estudo.

À minha mãe, Josete Pereira do Nascimento, uma mulher guerreira, meu exemplo de vida, pelo seu amor, dedicação e cuidado para comigo. Foi ela me impulsionou nos momentos mais conturbados dessa trajetória.

À minha família e a todos os parentes que me apoiaram e contribuíram nessa bagagem musical, por aceitar a minha profissão, mesmo sem entender, pois foram responsáveis pelos meus estudos, especialmente ao meu irmão, Antônio Juvino (Toninho), que me apoiou de diversas maneiras nessa etapa tão importante da minha vida.

Ao meu amor, James Lucena, que esteve ao meu lado há dois anos e me ajudou com muito amor, carinho e gratidão, e pelas suas palavras: “continue se esforçando para terminar sua licenciatura, porque você está no caminho certo e qualquer coisa a mais, é Deus que vai acrescentar. Estou orgulhoso de você e sempre te apoiarei. De quem nunca te esquece”.

À minha orientadora, Silvia Sobreira, pela sua generosidade e paciência ao compartilhar os seus valiosos ensinamentos, sendo compreensiva nas minhas dificuldades e aceitando ser a minha professora. Sem ela não teria conseguido concluir este meu TCC.

Agradeço a todos os professores e funcionários do Departamento da Educação Musical da UFPB, que sempre me ajudaram nessa árdua caminhada.

Aos mestres da banca, Luceni Caetano e Fábio Ribeiro que se dispuseram a ler o meu TCC. Obrigada por toda a atenção.

À professora entrevistada que cedeu o seu tempo para dialogar comigo. Aos companheiros de curso e amigos da vida; pela oportunidade do convívio e pela cooperação durante todos esses anos.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo estudar as práticas de uma professora que trabalhou com o projeto de extensão LEMI, procurando perceber como ela adapta sua experiência obtida neste projeto para dar aula nos ambientes de escolas públicas. Como objetivos específicos, pretende-se: Compreender as concepções da professora sobre música na Educação Infantil; Destacar as metodologias utilizadas pela professora; Identificar as principais estratégias utilizadas pela a professora; Analisar as principais concepções sobre educação musical nas pesquisas brasileiras e; Estudar as principais diretrizes oficiais a respeito da Educação Infantil. Esta pesquisa é de caráter qualitativo, tendo como base a entrevista. Os resultados apontam que a entrevistada conseguiu transpor várias das práticas realizadas no LEMI para o ambiente das escolas do Município, embora algumas não sejam possíveis devido ao número de crianças nas turmas e ao fato dela (da professora) atuar sozinha e não em dupla, como no LEMI. A professora demonstra comprometimento com sua prática. No entanto, as dificuldades encontradas nas escolas da rede Municipal quase a fizeram desistir da carreira.

Palavras-chave: Ensino de música; Educação Infantil; Musicalização nos anos iniciais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
Justificativa	9
Objetivos	10
Método de estudo	10
CAPÍTULO 1	12
PEDAGOGOS QUE INFLUENCIAM A EDUCAÇÃO MUSICAL BRASILEIRA	
1.1 Grandes pedagogos e sua influência no Brasil	12
1.2 Educadores brasileiros de influências atuais na Educação Musical Infantil	15
CAPÍTULO 2	21
ORIENTAÇÕES PARA O ENSINO DE MÚSICA	
2.1 Revisão da Literatura	21
2.2 Documentos oficiais com relação à Educação Infantil	26
CAPÍTULO 3	32
ANÁLISE DA ENTREVISTA	
3.1 Apresentando a professora	32
3.2 A prática atual da entrevistada: diferenças em relação LEMI	33
3.3 Conselhos da Professora	35
3.4 As práticas pedagógicas possíveis	37
3.5 Sobre as orientações dos documentos oficiais	40
3.6 Conclusão do capítulo	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICE 1- ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	48
APÊNDICE 2- TCLE	50

INTRODUÇÃO

Em minha experiência venho trabalhando há cinco anos em creches, não como professora unidocente ou pedagoga, mas como professora de música. Percebo que a música tem uma grande importância no desenvolvimento das crianças, pois ela desperta várias expressões sentimentais e sensações diversas que auxiliam na aprendizagem, na interação educacional e na formação musical. Além desses benefícios, acredito que a musicalização pode ser um ótimo recurso recreativo nas escolas de Educação Infantil, proporcionando uma base complementar nas áreas que estão em desenvolvimento de uma criança.

A partir do momento em que a criança entra em contato com a música, seus conhecimentos se tornam mais amplos, e esse contato vai envolvendo, também, o aumento de sua sensibilidade em fazê-la descobrir o mundo em sua volta, de forma prazerosa.

Pretendendo ampliar minha formação como professora dos anos iniciais, neste estudo, procurei conhecer com mais profundidade algumas possibilidades educativas. Como a minha experiência profissional ocorreu em escolas públicas, fui movida pela curiosidade de conhecer como se dá o ensino musical em outros ambientes escolares. Por isso, decidi analisar as práticas de uma professora bastante experiente, que trabalhou durante cerca de sete anos em um projeto de extensão realizado na Universidade Federal da Paraíba, cujo objetivo era musicalizar crianças. Este projeto, “LEMI” – Laboratório de Educação Musical Infantil, foi criado no ano de 2010 por um grupo de estudo na área chegando a atender mais de 180 bebês de zero a seis anos de idade (BEZERRA, 2013).

Embora o LEMI seja reconhecido por seu sucesso, percebo que há diferenças entre a maneira como a musicalização é trabalhada no projeto em relação a escolas similares como a que atuei: uma creche municipal. É preciso considerar que o LEMI tem um público de crianças cujos pais têm tempo e disponibilidade para levá-las à universidade, mostrando que eles mesmos valorizam o ensino de música. Além disso, as turmas são pequenas. Outro exemplo das diferenças entre os dois ambientes é que no LEMI, os pais das crianças pequenas são convidados a participar das aulas, o que é impossível na creche, que tem turmas de 30 ou mais crianças. Neste caso específico, o que tenho feito é trazer os pais para participar de atividades nas comemorações festivas da escola. Talvez, se não conhecesse o trabalho do LEMI, não teria tido tal ideia. E

nesse sentido, esta pesquisa busca conhecer e refletir sobre outras possibilidades como esta mencionada.

Meu interesse em pesquisar uma professora que atuou no LEMI se dá pelo fato da mesma estar, atualmente, trabalhando em escolas da rede pública. Acredito que sua experiência no LEMI tenha enriquecido sua visão a respeito de como musicalizar crianças. Assim, imagino que o confronto dessa professora com o ambiente de uma escola pública obrigou-a a reconfigurar sua prática docente. Portanto, conhecer melhor as condutas e pensamentos desta professora pode ser algo que contribua para a minha própria atuação como professora.

O projeto inicial para este TCC previa, além da entrevista com a professora, o acompanhamento de oito de suas aulas em uma turma da Educação Infantil. Além disso, seriam analisados seus planos de aulas, bem como documentos relativos ao projeto pedagógicos da escola. Desta maneira, a pesquisa teria se configurado como um estudo de caso. As limitações impostas pelo confinamento social em função da pandemia do coronavírus impuseram que o projeto original fosse modificado. Portanto, a pesquisa aqui apresentada é de caráter qualitativo, baseada em entrevista.

Diante do exposto, este trabalho tem a seguinte questão orientadora: **como as experiências obtidas no LEMI influenciaram a proposta pedagógica de uma de suas professoras quando confrontada em outro ambiente escolar?**

Justificativa

Compreender como uma professora experiente age em sua prática letiva pode proporcionar uma melhoria na qualidade da educação musical de minha própria prática.

Além de meu interesse pessoal nesta pesquisa, posso acrescentar outras justificativas. Uma delas é que, embora na formação oferecida no curso de licenciatura da UFPB seja possível que o licenciando aprenda os elementos básicos da musicalização infantil, sinto outras necessidades ao trabalhar em ambientes de escolas municipais, principalmente em turmas grandes.

Outro aspecto que justifica este estudo diz respeito à carência de pesquisas específicas sobre a musicalização nos anos iniciais em uma escola pública. Conforme demonstrado na Revisão da Literatura apresentada no primeiro capítulo deste TCC, muitos são os trabalhos publicados em Anais de Congressos sobre a musicalização infantil, mas em sua maioria, tratam desse tipo de ensino em escolas especializadas ou

da rede privada. Por isso, esse estudo se justifica, pois pretende ajudar na compreensão das necessidades específicas para o ensino de música na educação pública.

Objetivos

O objetivo geral deste estudo é compreender como a professora pesquisada adapta sua experiência obtida no LEMI nos ambientes de escola públicas. Como objetivos específicos, pretende-se:

- 1) Compreender as concepções da professora sobre música na Educação Infantil;
- 2) Destacar as metodologias utilizadas pela professora;
- 3) Identificar as principais estratégias utilizadas pela a professora;
- 4) Analisar as principais concepções sobre educação musical nas pesquisas brasileiras;
- 5) Estudar as principais diretrizes oficiais a respeito da Educação Infantil nos documentos legais.

Método de estudo

Conforme já apresentado anteriormente, esta pesquisa é de caráter qualitativo com base em entrevista. Este tipo de pesquisa tem a finalidade de compreender uma realidade, em vez de comprovar uma proposição. Por isso, os resultados não podem ser generalizados. De acordo com Penna,

[...] problemas/questões de pesquisa voltados para conhecer e analisar algum aspecto de uma prática pedagógica existente, por terem um foco mais reduzido, podem apontar para outras possibilidades de pesquisa qualitativa [...]. (PENNA, 2015, p. 110).

Desta forma, a escolha por este modelo atende aos objetivos deste TCC. Neste contexto, foi escolhida a pesquisa qualitativa com base em entrevista, para compreender, observar e analisar, o processo educativo de uma professora. Então, é essencial analisar o relato de experiência de uma educadora que atua na Educação Infantil, para que possa abranger o que é proposto neste TCC.

Como forma de coleta de dados, foi escolhida a entrevista de caráter semiestruturado. Segundo Penna (2015, p. 137), este é um tipo de entrevista que usa um roteiro básico para conduzir a conversação entre o pesquisador e o entrevistado. Dessa

maneira, foi possível que a professora ficasse à vontade e as respostas surgiram de forma espontânea e “flexível, conforme o desenvolvimento da interação”.

Penna argumenta em favor da entrevista semiestruturada:

[...] é mais adequada para nossas propostas de pesquisa qualitativa, permitindo, por exemplo, tanto solicitar informações sobre a formação ou experiência do professor ou educador, quanto buscar, com mais flexibilidade, suas concepções ou os significados que atribui à sua própria prática. (PENNA, 2015, p. 138).

Penna também explica que a estrutura das entrevistas e questionários têm que ser bem elaborados, considerando a melhor maneira de fazer a pergunta. Assim, foi elaborado o roteiro da entrevista (APÊNDICE 1), tendo como base os principais temas que surgiram na revisão da literatura. Além disso, acrescentei perguntas que eram dúvidas pessoais.

Antes de começar a entrevista, foi acordado entre as partes que o nome da entrevistada seria trocado por um fictício, de maneira a preservar seu anonimato. Foi comunicado à professora que ela não era obrigada a responder alguma pergunta que ela considerasse inconveniente. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE (APÊNDICE 2) havia sido encaminhado previamente para a entrevistada.

A professora Lívia Alves (nome fictício) foi entrevistada por meio de videoconferência, utilizando o aplicativo Zoom, devido ao fato de estarmos no confinamento social em função da pandemia do coronavírus. A entrevista durou cerca de uma hora, sendo gravada em vídeo. A transcrição foi feita usando a ortografia padrão, mas respeitando as falas informais da professora. De acordo com Penna (2015, p. 141), “no entanto, conforme o caso, “limpamos” o uso excessivo de marcadores conversacionais”.

CAPÍTULO 1

PEDAGOGOS QUE INFLUENCIAM A EDUCAÇÃO MÚSICA BRASILEIRA

Neste capítulo, apresento alguns pedagogos que mais influenciaram o ensino de música no Brasil, como Dalcroze, Kodaly e Orff. Embora eles tenham surgido no início do século XX, os princípios que eles apresentaram são encontrados até hoje no ensino de música. Daí a importância de se conhecer melhor suas propostas. Na sequência, apresento pesquisadoras brasileiras que têm influenciado na educação musical infantil, como Teca Alencar Brito e Cecília Cavalieri França. Elas foram escolhidas por serem constantemente mencionadas nos trabalhos lidos para este TCC. Além disso, a presença de Teca Alencar Brito na composição do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) faz desta autora uma referência importante na área.

1.1 Grandes pedagogos e sua influência no Brasil

Mateiro e Ilari (2011) apresentam alguns pedagogos que dão suporte teórico e prático ao trabalho para a musicalização infantil: Dalcroze, Kodály e Carl Orff. Este livro deu suporte para a elaboração desta seção.

Segundo Mateiro e Ilari (2011, p. 39) Émile Jaques-Dalcroze (1865-1950) é considerado o pedagogo que acreditava que o ensino da música deveria iniciar desde cedo com as crianças, em forma de vivências musicais, a fim de que elas pudessem experimentar e conhecer os elementos musicais na prática, e depois a teoria. Ele desenvolveu um princípio que é caracterizado como o fator mais importante na sua pedagogia musical: o corpo humano como primeiro instrumento pelo qual as pessoas se expressam. Sua metodologia é conhecida por tratar da percepção e compreensão da música por meio dos movimentos corporais.

Enquanto Dalcroze enfocava o uso do corpo, Zoltán Kodály (1882-1967) defendia a voz como modo de partida mais imediato e pessoal da expressão musical, acreditando ser fundamental o desenvolvimento do ouvido a partir do canto. Por isso, ele não empregava o acompanhamento de instrumentos, porque acreditava que, assim, a criança desenvolveria uma perfeita afinação. Sua metodologia buscava o desenvolvimento da musicalidade individual, considerada natural:

Para Kodály, o principal meio de acesso à música é o uso da voz, o cantar, disponível a qualquer pessoa presente durante toda sua vida. Em sua metodologia, é cantando que o aluno se expressa musicalmente e desenvolve a habilidade de ler e compor música. (MATEIRO; ILARI 2011, p. 68).

Carl Orff (1895-1982), por sua vez, unia todos esses elementos. Ele usou parlendas como ponto de partida para o ensino de música e seu modo de ensinar era baseado no aspecto lúdico, envolvendo a criança nas atividades com canto, dança, percussão instrumental e também o uso do corpo. Orff também defendia que esse estudo deveria começar desde cedo, na infância (MATEIRO; ILARI 2011, p. 134). Segundo Mateiro e Ilari (2011, p. 138), a ideia de ludicidade está apoiada na noção de que o aprendizado acontece inicialmente a partir da prática do fazer musical. Portanto, a experiência musical imediata é a base do processo pelo qual se procura valorizar a expressão individual da criança ou, antes, seu instinto natural:

Orff baseou suas ideias pedagógicas naquilo que chamou de música elementar, isso quer dizer que a música não deve ser conhecida como abstrata, mas como um elemento de integração da linguagem falada, do ritmo, do movimento, da canção e da dança, sendo uma experiência coletiva. (MATEIRO ILARI 2011, p. 140).

No Brasil, esses pedagogos influenciaram educadores musicais como Antonio de Sá Pereira e Liddy Chiaffarelli Mignone (SILVA; KONOPLEVA, 2015). Esses dois professores criaram o Curso de Iniciação Musical do Conservatório Brasileiro de Música no Rio de Janeiro. Esse curso era voltado para a fase inicial do aprendizado musical de crianças. Silva e Konopleva trazem uma citação do próprio Sá Pereira, na qual é possível perceber a importância que ele dava à vontade do aluno:

O ensino antigo desconhecia a criança. Preocupado unicamente com o programa, a matéria a ser ensinada tinha assim uma orientação intelectualista e informativa. Não passava pelo espírito do professor que só se aprende verdadeiramente através da própria experiência, e que a função primordial do mestre deve consistir em despertar a curiosidade e o interesse e a vontade de aprender do aluno e em canalizar e dar direção acertada à atividade que tinha logrado despertar (PEREIRA, 1937 *apud* SILVA; KONOPLEVA, 2015, p.7-8).

Liddy Mignone (1891-1962) foi pioneira da Iniciação Musical no Rio de Janeiro¹ junto com Sá Pereira. Ela creditava que a iniciação musical deveria fazer parte da formação integral do indivíduo e que todos deveriam passar por essa experiência. Segundo este *site* consultado, Liddy Mignone usava os métodos dos educadores musicais comentados anteriormente, mas questionava seus trabalhos, o que não era comum na época. Ela usava brincadeiras, jogos, danças e outros tipos de interação com as crianças.

Sá Pereira instituiu o curso no Instituto de Música, hoje Escola de Música da UFRJ. Sua proposta pedagógica está fundamentada nos documentos que norteiam o nosso trabalho, tanto do ponto de vista pedagógico educacional, quanto a nossa visão de mundo. Silva e Konopleva (2015) comentam que a nova proposta de iniciação musical desses pedagogos era baseada no cuidado das diferenças individuais de cada aluno no processo de musicalização.

No entanto, a formação dos professores de Iniciação Musical ao instrumento, deve ser fundamental na fase inicial que nem sempre é reconhecida. Silva e Konopleva (2015) relevam que esta formação deveria ser especializada e completa:

Sá Pereira criticava os métodos tradicionais de ensino do instrumento, pelo modo como trabalhavam a motivação e o interesse do aluno. Para ele, os principais erros do ensino de instrumento na pedagogia tradicional são: desconhecimento da criança; isolamento diante da vida; falta de motivação intrínseca; desconhecimento das reações emocionais que acompanham a aprendizagem, entre outros. Ele defendia que, para uma melhor base o professor de música deveria se aprofundar nas leis da psicologia da aprendizagem, para que assim tivesse uma visão total das suas atividades como educador. (SILVA; KONOPLEVA, 2015, p. 7).

Segundo essas autoras, a relação professor/aluno ganhou especial atenção desses dois pedagogos. Eles valorizavam a realidade do aluno, respeitando a bagagem que este trazia consigo. Liddy Mignone foi autora do “Guia para o professor de recreação musical” no qual orientava os professores a mostrar o ensino de música como um jogo.

Em relação aos conteúdos musicais das aulas, os dois professores direcionavam que o ensino deveria começar pela a parte da audição musical. Eles defendiam a apreciação como forma primordial para a vivência musical, ou seja, era essencial que o

¹ Texto disponível online como material didático da usp (edisciplinas). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/167470/mod_resource/content/1/Liddy%20Chiaffarelli%20Mignone.pdf. Acesso em 12 fev. 2020.

aluno conhecesse a música antes de tocá-la. Para Sá Pereira, a musicalização deve anteceder o ensino do instrumento.

Silva e Konopleva (2015) relatam que os repertórios utilizados por Sá Pereira e Liddy Mignone na iniciação eram as canções infantis ou folclóricas, que facilitavam a participação e o interesse das crianças no estudo.

1.2. Educadores brasileiros de influências atuais na Educação Musical Infantil

Nos dias de hoje, é importante destacar duas educadoras que influenciaram pedagogicamente os trabalhos na educação musical infantil: Teca Alencar de Brito e Cecilia Cavalieri França.

Brito (2013) apresenta um relato de pesquisa na qual foi observado o jogo musical de crianças de três a seis anos. Para a autora, o jogo musical envolve o gesto, a escuta e o pensamento. O foco principal de seu estudo foi o jogo de improvisação. Brito (2013) enfatiza que o fazer musical dialoga com o brincar, com os jogos sonoros e que as crianças apreendem nos seus contextos culturais:

Reinventando, de certa maneira, o fato musical, as crianças repetem, criativamente, os modos musicais que apreendem em seus contextos culturais. Em planos de convivência e diálogo com o brincar, os jogos sonoros se instauram e se transformam continuamente, fundando territórios e encaminhando as experiências para outros lugares; sempre em movimento. (BRITO, 2013, p. 1-2).

A autora notou que as idades iniciais se manifestam corporalmente com gestos sonoros, quando escutam vários sons diferentes, como sons curtos ou longos, raspados ou sacudidos, glissandos, com timbres ou intensidades diversas, elas se movem por todo o espaço, mostrando que ouvem em todo corpo. Esse processo é articulado quando as crianças desenham, expressando no papel aquilo que estão escutando, ao ouvir vários sons através de materiais característicos como bater, raspar, sacudir, tremular etc. Pela explicação, percebe-se que os gestos sonoros propostos por Brito são diferentes dos conhecidos “gestinhos”, usados em músicas como “Meu pintinho amarelinho”.

Já no gesto instrumental, Brito comenta que nessa fase inicial, uma boa parte das crianças compreende que tocar instrumentos é proporcionar gestos de bater na pele do tambor, sacudir o chocalho, apertar as teclas do piano, tocar as cordas do violão. Para a autora,

Fazer música é, assim, mais um jogo, já que movidas pelo desejo de fazer, de explorar, tocar, inventar..., as crianças fazem da música mais um brinquedo. Assim é que a mesma criança que improvisava livremente passa a se deleitar com a possibilidade de reproduzir uma pequena melodia, com poucas notas, mas responsáveis por um perfil reconhecível e passível de controle, inclusive. (BRITO, 2013, p. 4).

Brito argumenta que a improvisação deve ser constante e integrada a outras maneiras de fazer música. Para ela, esse fazer musical tem que estar conectado com a escuta, com a produção de gestos (sejam eles instrumentais, corporais ou vocais), com a criação e a interpretação. Ela acredita que uma criança pequena, ao brincar musicalmente, transborda suas experiências em modos de escuta, produção e pensamentos. Para elas, o que é fundamental é o jogo musical sonoro através das brincadeiras, jogo que se torna prazeroso. Embora dando ênfase à criação e à improvisação, ela ressalta que no processo de desenvolvimento das crianças, a repetição é necessária nas brincadeiras, nas canções, nos jogos, nos gestos e nas historinhas infantis. Mas ela destaca que o jogo da improvisação possibilita que as crianças tenham uma vivência no brincar musical, que abre portas quando elas optam por escolher alguns instrumentos para tocar ou quando experimentam pequenas histórias, situações ou sensações, e também quando transformam os sons dos animais em objetos e variações musicais.

Brito (2013) propõe que as atividades de criação como o jogo de improvisação são essenciais na direção de um universo realmente conectado com as formas infantis de escutar, pensar e produzir sonoramente. Para ela, o jogo da improvisação é o modo musical que deveria ser preferencial nos anos iniciais.

A pedagoga e compositora Cecília Cavalieri França também dá ênfase aos processos criativos na educação musical infantil. França (2007, 86), baseando-se nas ideias do educador inglês Keith Swanwick argumenta na necessidade de integrar as modalidades de criação, performance e apreciação. Ela sugere que deve-se

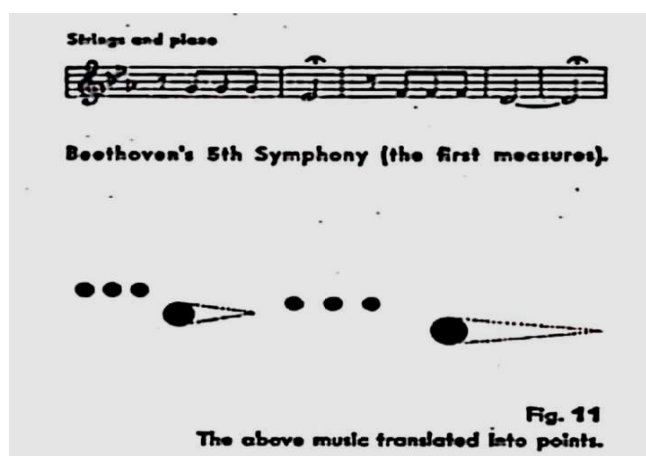
[...] evitar a fragmentação e redução dos elementos musicais ao nível dos chamados parâmetros do som. Estes constituem a matéria-prima a partir da qual elaboram-se os gestos expressivos e as estruturas musicais (FRANÇA, 2007, p. 86).

França argumenta que é preciso explorar ao máximo todas as possibilidades musicais de uma mesma atividade. Mesmo tratando de temáticas consideradas convencionais, como é o caso do ensino da escrita musical, França (2010) traz uma proposta diferenciada. Ela enfatiza que o processo de musicalização tende a se

desenvolver naturalmente, como continuidade da movimentação pelo espaço. França (2010) mostra que depois do impulso inicial, sensorio motor, surge o interesse pela representação do mundo real e, enfim, a criança descobre que o papel aceita a representação de mundos imaginários:

A educação musical pode valer-se dessa disposição para a representação gráfica desde os primeiros momentos. Registrar é uma forma de se materializar e organizar o complexo processo da percepção musical. Das garatujas musicais, segue a representação de instrumentos e de outras fontes sonoras; surgem esquemas, onomatopeias e notações alternativas. (FRANÇA, 2010, p. 10).

Segundo França (2010), a notação musical analógica, como o nome indica, baseia-se na analogia entre propriedades do campo auditivo e do visual. Segue abaixo, um dos exemplos apresentados pela autora a respeito da escrita analógica:



O tema da 5ª Sinfonia de Beethoven, expresso pelo pintor russo Wassily Kandinsky. Fonte: FRANÇA, (2010, p. 11).

Pela analogia, a criança pode começar a compreender os conceitos musicais. Por exemplo, alto, baixo, horizontal, vertical, contorno são qualidades que podem ser compartilhadas no desenho e na partitura. Para França, este é um recurso que facilita a performance, a escuta e a compreensão musical. No processo de musicalização, essa notação tende a se desenvolver naturalmente, como continuidade da movimentação pelo espaço.

Para a criança, a relação “grave/embaixo, agudo/em cima” não é imediata. A estrutura física de alguns instrumentos também pode dificultar o estabelecimento dessa relação. Por exemplo: no violão e no violino, a corda mais grave fica em cima e a mais aguda, embaixo. No piano, o grave está à esquerda, o agudo à direita. A saída é

memorizar a convenção, que se mantém na escrita tradicional e na analógica. (FRANÇA, 2010, p. 13).

A autora demonstra outras maneiras de se trabalhar com a escrita musical não convencional:

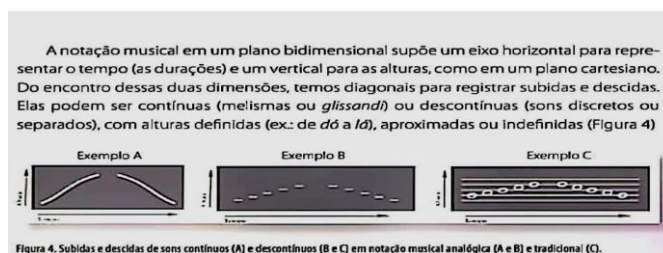


Figura: Subidas e descidas de sons contínuos (A) e descontínuos (B e C) em notação musical analógica. Fonte: FRANÇA (2010, p. 12).

Na figura mostrada acima, percebe-se uma maneira não convencional de iniciar a criança no processo de escrita musical. Assim, em vez de ensinar as notas na pauta, o professor ajudará a criança a compreender a relação entre o desenho e o movimento da melodia. Segundo França (2010), o ensino tradicional de notação tende a doutrinar ouvidos e mentes tracionais. Ao propor uma nova maneira de abordar a escrita, ela pensa que ao se incentivar as crianças a brincar com as letras, palavras e onomatopeias, variando sua intensidade, altura e direção, torna-se possível trazer ao letramento musical a dimensão lúdica e criativa. Os alunos podem criar explorando algumas variações de intensidade, altura, timbre, articulação, duração, textura, expressividade e estrutura.

Outro texto de França (2011) usa o meio ambiente para efetivar a interdisciplinaridade com o ensino de música. Ela aponta que o meio ambiente é uma das questões mais presentes no cotidiano da educação, e serve de conteúdo para ser usado na educação musical. De acordo com França:

[...] a educação musical pode se engajar na conservação da biodiversidade e no compromisso ético-social, e contribuir para despertar e consolidar entre os alunos um senso de pertencimento, de responsabilidade, de valor próprio e alheio. (FRANÇA, 2011, p. 31).

França considera que a educação musical pode ser realizada em conjunto com a temática do meio ambiente, no caso este último é um dos temas transversais nos PCN. Ela se pergunta para em seguida responder: “o que a educação musical tem a ver com o meio ambiente? Tudo, pois o Meio ambiente é um tema transversal que se engaja em diversas áreas de conhecimento, onde se relaciona as outras disciplinas” (FRANÇA, 2011, p. 32).

A autora destaca que não deseja utilizar “musiquinhas” com o tema do meio ambiente apenas para auxiliarem em outras disciplinas. Ela acredita que a educação musical deva estar realmente engajada no projeto educacional junto com as outras áreas, permitindo a educação integral das crianças.

França faz uma crítica a professores que começam as atividades escolares tocando “‘musiquinha’ de letra rasa às sete da manhã”, para em seguida “gritar ao microfone para se fazer ouvir” (FRANÇA, 2011 p. 32). Da mesma forma, ela chama atenção para um equívoco comum que é o professor se dar por satisfeito com a confecção de instrumentos musicais de sucata e ela mesma não ter outras atitudes de cuidados com o meio ambiente, como por exemplo, aproveitar o verso de um papel usado. Para ela precisa haver coerência entre as atitudes do professor e o que ele quer ensinar.

Existe uma finalidade entre a educação musical e educação ambiental onde, para França (2011), podem ser trabalhadas as atividades divididas em três eixos: o pragmático, a paisagem sonora e o ético-estético. O eixo pragmático pode se integrar com a ciências, a geografia e a história. Mencionando o compositor Murray Schafer, ela sugere para esse eixo “sonorizações criativas e imitativas, reconstituições de diferentes ambientes sonoros, ecos musicais e não musicais, coletâneas de sons de antigamente e especulações sobre sons do futuro” (FRANÇA, 2011, p. 33).

Neste texto, França oferece uma série de músicas que podem ser usadas na educação musical e que tem como temática o meio ambiente. Ela sugere que a professora não se limite apenas construir instrumentos com materiais de sucata, mas aproveitá-los para a performance musical.

No eixo da paisagem sonora, França continua valendo-se de Schafer, alertando sobre os prejuízos causados pela poluição sonora:

É importantíssimo conscientizarmos os alunos sobre os efeitos nocivos da exposição a sons muito fortes. Não há aparelho auditivo que se conserve íntegro diante do incrível excesso de barulho das metrópoles, dos amplificadores dos shows ou dos “fones-de-ouvido-24-horas-por-dia”. A perda auditiva se configura hoje como um problema de saúde pública. E quanto menos se escuta, mais se aumenta o volume... (FRANÇA, 2011, p. 38).

Com relação ao eixo ético-estético, França argumenta que “a natureza, assim como a música, organiza-se segundo padrões de ordem e desordem, equilíbrio e desequilíbrio, tensão e repouso, estrutura, forma, proporção” (FRANÇA, 2011, p. 39).

Logo, mesmo a música considerada programática pode ser usada para exemplificar como o compositor se expressou para demonstrar em sua música os padrões acima mencionados. Ela chama atenção para a importância da criança criar sua própria música para expressar essa mesma dinâmica. A autora encerra seu texto apresentando um resumo das condutas a serem tomadas:

Refinar o olhar. Educar o ouvir. Despertar o senso estético. Construir o sentido ético. Oportunizar o êxtase. Viver a experiência sensorial, emocional e contemplativa da natureza. Cultivar um mundo menos virtual e mais sensorial. Deixar-se admirar, espantar, chocar, incomodar. Abaixar o volume. Trabalhar pela educação (e reeducação) da sensibilidade e da criatividade voltados para a valorização da ética e da sustentabilidade. (FRANÇA, 2011, p. 40).

Percebe-se nesta autora uma preocupação com o fazer musical significativo, evitando o uso de imitações e repetições. Ou seja, a música pode ser usada em todo o seu potencial artístico e estético para complementar e interagir com outra área de aprendizagem, no caso a educação ambiental.

Neste capítulo, trouxe os pedagogos do início do século XX, que grande influencia tiveram no ensino de música no Brasil. Também apresentei duas educadoras que tem influenciado o campo do ensino de música, sendo referência nas pesquisas de educadores brasileiros.

CAPÍTULO 2

ORIENTAÇÕES PARA O ENSINO DE MÚSICA

Além das orientações trazidas por pedagogos de maior influência em âmbito nacional, neste capítulo comento algumas pesquisas que tem como foco a Educação Musical Infantil. Além desta breve revisão da literatura, encerro comentando as diretrizes oficiais que têm orientado as práticas do ensino de música nas escolas, como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

2.1 Revisão da Literatura

Os autores comentados nesta seção foram escolhidos por apresentarem propostas que podem ser usadas em outras escolas de Educação Infantil. Além disso, seus questionamentos ajudaram a compor as perguntas feitas na entrevista.

Souza e Santiago (2015) registram o relato de experiência em um curso de extensão universitária. Levando em consideração a importância do educador musical na formação geral das crianças, as perguntas das autoras trazem questionamentos em seu trabalho que são similares aos meus:

Como podemos contribuir para a formação musical e humana dessas crianças? Qual é a melhor maneira de elaborar práticas musicais integradoras? Como podemos valorizar a expressividade e individualidade de cada criança? Como a criança pequena aprende? O que elas nos ensinam? Que conteúdos musicais devemos trazer para as aulas? (SOUZA; SANTIAGO, 2015, p. 2).

Essas autoras apresentam quatro atividades que são possíveis de serem utilizadas com crianças das creches e que estimulam o desenvolvimento musical através das canções infantis; do corpo com o movimento; da socialização em grupo; da criação no tocar o instrumento musical e da imaginação com as histórias contadas. Uma dessas atividades que são próximas às que faço e vejo feitas por outros professores da mesma área é a dos “Marinheiros e Peixinhos”. Esta atividade possibilita um ambiente de aprendizagem alegre e positivo, vivenciando uma relação entre pergunta e resposta, além de trabalhar os contrastes de duração e da dinâmica e a socialização.

Bezerra (2015) comenta especificamente sobre atividades propostas no LEMI e descreve algumas possibilidades, embora não tão detalhadamente quanto Souza e Santiago (2015). Segundo este autor, na época em que atuou no LEMI, as atividades eram feitas através de um modelo de rotina como parte integrante dos planos de aulas, seguidos em todas as turmas, mas diferenciados em função das idades. Este modelo também pode ser feito nas creches, mas com alterações devido à parte pedagógica e aos eixos temáticos que as creches municipais seguem durante o ano.

Num trabalho que discute a formação do profissional que atua na Educação Infantil, Pacheco (2005, p. 32) argumenta que essa formação musical dos professores pode ser um processo vivo na qualidade educacional dos mesmos:

Acredito que esse processo possa se converter em espaço vivo a discussão sobre a formação docente através da possibilidade de que, a partir do ensino, da extensão e da pesquisa o objetivo dessa formação seja a melhoria da qualidade das práticas educativas, e não a manutenção de fórmulas para o exercício docente. (PACHECO, 2005, p. 32).

Um texto que considero importante comentar aborda o uso de “histórias sonorizadas” (STEFENE; WEBER, 2013). As autoras relatam práticas muito parecidas com as que uso em minha experiência como professora. Segundo as autoras, a experiência desenvolvida (p. 1192) despertou nas crianças o apreço pela música, o gosto pelas próprias histórias e ainda explorou sua imaginação e criação que contribuíram para a ampliação da linguagem verbal e expressão corporal.

A pesquisa parte dos seguintes questionamentos: quando os professores desenvolvem um trabalho com a música, costumam utilizar histórias sonorizadas? Como essas histórias são introduzidas na educação infantil? Quais objetivos e conteúdos musicais são explorados? Que materiais ou instrumentos musicais costumam ser utilizados nas histórias?

Para Stefene e Weber (2013), contar histórias colabora com o desenvolvimento e a construção do pensamento simbólico infantil. Segundo essas pesquisadoras (2013, p. 1193), tal estratégia, além de contribuir para o desenvolvimento da oralidade e da escrita, possibilita a internalização de aspectos temporais e sociais. Ainda no texto, são relatados dois tipos de técnicas que eram utilizadas nesta atividade, que são as histórias com canções, nas quais as canções ilustram determinadas cenas, enfatizando

acontecimentos ou caracterizando personagens; e as histórias cantadas, que são cantadas integralmente, cujas melodias conduzem à narrativa.

Outro autor que defende o uso de histórias sonorizadas é Reis (2011). Para ele, através das histórias sonorizadas podem ser desenvolvidos vários conteúdos musicais. Por exemplo, pode-se despertar nas crianças a noção de diferentes timbres e da duração do som. Além desses conteúdos musicais, a sonorização de histórias possibilita ao professor de educação infantil o desenvolvimento de conceitos e conhecimentos acerca das outras áreas de ensino. Por exemplo, ao contar ou recontar uma história, estamos expressando a oralidade, ajudando na organização e compreensão da fala, que são conteúdos da língua portuguesa. Embora França (2011) tenha se posicionado contra a música ser usada para colaborar com outras disciplinas, acredito, como professora que atua na Educação Infantil, que não podemos desprezar o auxílio que a música pode oferecer, já que vivemos em um país tão desigual e que tudo deve ser feito para auxiliar no desenvolvimento integral da criança.

Segundo as professoras (STEFENE; WEBER, 2013), a partir do uso das histórias, foi possível trabalhar as propriedades do som como noções de intensidade (forte/fraco), altura (grave/agudo). Também foi possível alternar momentos de escuta de sons com momentos de produção de sons. Para as autoras, isso trouxe um resultado satisfatório, pois as crianças compreenderam que não precisam gritar. Também entenderam que necessitam exercer a escuta. Desta forma, as autoras concluíram em sua pesquisa que os conteúdos musicais explorados podem, também, ajudar nas relações que são estabelecidas em sala de aula.

Segundo Stefene e Weber (2013), as professoras colaboradoras que foram entrevistadas em sua pesquisa relataram como seriam esses conteúdos musicais desenvolvidos através das histórias sonorizadas dentro da sala de aula:

Sinceramente, de conhecimentos musicais eu não entendo muito bem [...] (professora Aline).

É eu acho um pouco difícil determinar exatamente o conteúdo, porque a gente não tem muita formação específica na música, tem uma formação mais básica, conteúdos específicos eu não sei te dizer exatamente. Agente vai pela sensibilidade, pelo conhecimento ali na hora (professora Carolina).

Agora você falou em conteúdos musicais, eu não sei se tenho conhecimento sobre isso, porque eu nunca ouvi falar em conteúdos musicais [...] Eu não tenho muitos conhecimentos sobre a técnica musical, eu tenho mais conhecimento da parte pedagógica, daquilo que agente pode trazer para a criança, mas não tenho conhecimento

sobre formação musical, essa eu desconheço (professora Daniela). (STEFENE; WEBER, 2013, p. 1197).

Diante disso, as autoras compreendem que essas professoras acreditavam que tendo um pouco de experiências na graduação já estavam prontas para encarar a realidade em sala de aula. Em função deste problema, Stefene e Weber argumentam sobre a necessidade de que o profissional da educação infantil amplie seus conhecimentos com o trabalho musical, notadamente com as histórias sonorizadas. O exemplo seguinte dá uma demonstração de como é possível que isso ocorra:

[...] Então pergunto para as crianças: Esse sonzinho é grave ou agudo? Vamos fazer um sonzinho fraco! [...] (Professora Aline).
 [...] O que trabalhamos são os sons, os tipos de sons fraco, forte, o tempo do som [...] (professora Carolina).
 [...] eu penso que, de repente, o ritmo, grave/agudo, isso eu ainda consigo trabalhar, mas não muito aprofundado [...] (professora Daniela). (STEFENE; WEBER, 2013, p. 1198).

Stefene e Weber notam que as professoras não possuíam um conceito específico a respeito de conteúdo musical. Segundo as autoras, elas acreditam que o principal motivo para isso é o pouco tempo de formação na área da música que tiveram durante sua graduação. Segundo as autoras (p. 1199), ao perguntar às professoras entrevistadas sobre os conteúdos musicais que são capazes de desenvolver com as crianças, elas responderam que possuíam dúvidas quanto a eles, não sabendo citar exemplos concretos. Uma das professoras destacou que na sua época de graduação a disciplina Educação Musical ainda não fazia parte da grade curricular. As outras professoras entrevistadas, mesmo tendo essa disciplina no período de formação, não se consideravam aptas o suficiente para trabalhar com os conteúdos musicais.

Embora o tema deste TCC não tenha como foco professoras unidocentes como as da pesquisa mencionada, este é um assunto que tem certa relação com o meu, pois existe uma tradição de que essas professoras usem a música como recurso pedagógico, sem perceber que existem conteúdos musicais específicos. Esse é um dado importante que os educadores musicais devem ter em mente, pois esclarecer seus colegas de trabalho a respeito dos conteúdos específicos do ensino de música pode ser um fator que ajude a valorizar mais a nossa profissão. Ou seja, é preciso que as pessoas compreendam que dar aulas de música não significa apenas “ensinar canções”.

A respeito deste problema acima mencionado, Scarambone (2014) também buscou compreender as práticas de professoras na Educação Infantil. A autora apresenta uma reflexão sobre práticas musicais e os desafios e dificuldades encontrados em sua execução. Sua pesquisa trata-se de um projeto realizado em uma pré-escola, onde foi observada a motivação de todos os professores unidocentes, tendo a participação de licenciandos em música, destacando-se suas práticas musicais e educativas. A autora percebe que as atividades musicais são bem vistas pelas pedagogas:

Por outro, em contato com as escolas públicas de Educação Infantil, tenho acompanhado o quanto os professores unidocentes e coordenadores tem demonstrado atitudes receptivas e positivas em relação ao ensino de música na Educação Infantil, em especial, apresentado interesse em manter parcerias com os especialistas em música (em formação ou formados) de forma a contribuir nas práticas musicais desenvolvidas pelos professores unidocentes. (SCARAMBONE, 2014, p. 1-2).

Da mesma forma como Stefene e Weber (2013), Scarambone comenta que essas práticas musicais são realizadas exclusivamente de forma mecânica. O professor tem o comando e se contenta em reproduzir canções prontas.

Scarambone tinha como principal objetivo:

[...] conhecer as características das práticas musicais realizadas na educação infantil e a partir desta realidade apresentar novas concepções de práticas musicais fundamentadas em um fazer musical significativo, que dê oportunidade para as crianças participarem ativamente da experiência musical, criando, improvisando, experimentando e desenvolvendo o espírito crítico. (SCARAMBONE, 2014, p. 4).

Dessa forma, os licenciados em música que participaram de sua pesquisa tiveram a oportunidade de atuar numa realidade de ensino infantil, onde puderem ganhar experiências nesse nível educativo. Com isso, perceberam que a música atingiu outras áreas de ensino.

Scarambone (2014) comenta sobre os instrumentos que foram utilizados nas aulas desse projeto:

Sobre os instrumentos musicais utilizados, verificamos algumas vezes que as crianças utilizavam chocalhos construídos com materiais recicláveis para marcarem os ritmos das músicas. Contudo, a baixa qualidade sonora desses instrumentos prejudicava o desenvolvimento das atividades. (SCARAMBONE, 2014, p. 5).

Essa questão da baixa qualidade dos instrumentos é algo que já foi apontado por França (2011), que chama atenção para o equívoco de se produzir um material que nem será utilizado para fazer música.

Scarambone (2014) expressa preocupação em relação às poucas práticas musicais que são executadas por esses professores unidocentes. Concordando com Stefene e Weber, a autora comenta que esses profissionais que atuam na Educação Infantil necessitam expandir seus conhecimentos a respeito das práticas musicais.

2.2 Documentos oficiais com relação à Educação Infantil

Nesta seção comentarei alguns pontos relevantes a respeito de orientações legais relacionadas ao ensino de música. As diretrizes oficiais que orientam e ajudam nas práticas do ensino da música em creches e escolas são o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – (RCNEI) e a Base Nacional Comum Curricular – (BNCC). Este último documento trata da Educação Básica como um todo, portanto será analisado apenas o que diz respeito à Educação Infantil. Quanto ao RCNEI, é preciso mencionar a colaboração de Teca Alencar Brito em sua confecção, reforçando sua influência no pensamento pedagógico musical brasileiro. Contudo, não foi possível identificar na BNCC a participação de pesquisadores da área da Educação Musical.

O RCNEI traz uma riqueza completa de caráter educacional, com objetivos, conteúdos e orientações didáticas para os educadores que trabalham com crianças pequenas. O documento certifica que a música é uma linguagem que está presente em todas as culturas, em diversas situações da vida humana, ajudando a expressar, em formas sonoras apropriadas, as comunicações, sensações, expressões, sentimentos e pensamentos significativos.

Alguns aspectos importantes nas áreas de conhecimentos propostos no RCNEI referem-se à construção de diferentes linguagens para as crianças, indicando como elas podem contextualizar suas histórias, abrangendo vários objetivos da linguagem musical. O RCNEI indica que o educador deve sempre inteirar-se acerca das competências de suas crianças, valorizando seus esforços a respeito de como estão construindo e aprimorando seus conhecimentos em relação à sua própria aprendizagem.

O RCNEI apresenta uma visão crítica a respeito de práticas que são muito comuns na Educação Infantil:

A música no contexto da educação infantil vem, ao longo de sua história, atendendo a vários objetivos, alguns dos quais alheios às questões próprias dessa linguagem. Tem sido, em muitos casos, suporte para atender a vários propósitos, como a formação de hábitos, atitudes e comportamentos: lavar as mãos antes do lanche, escovar os dentes, respeitar o farol etc.; a realização de comemorações relativas ao calendário de eventos do ano letivo simbolizados no dia da árvore, dia do soldado, dia das mães etc.; a memorização de conteúdos relativos a números, letras do alfabeto, cores etc., traduzidos em canções. Essas canções costumam ser acompanhadas por gestos corporais, imitados pelas crianças de forma mecânica e estereotipada. (BRASIL, 1998, p. 47).

O documento argumenta que este tipo de prática deve ser repensado, pois usa a música como um produto pronto, sem deixar espaço para a própria criação da criança: “Nesses contextos, a música é tratada como se fosse um produto pronto, que se aprende a reproduzir, e não uma linguagem cujo conhecimento se constrói” (BRASIL, 1998, p. 47).

A partir de minha experiência como professora na Educação Infantil, reconheço que excesso de atividades como as descritas na citação anterior pode ser prejudicial. No entanto, é muito difícil, no ambiente de escolas públicas, lidar com cerca de 25 crianças sem as canções que são sugeridas pela própria direção da escola e de outras educadoras. Acredito que seja possível encontrar uma solução intermediária, com a inserção de práticas que envolvam a criatividade da criança.

O documento destaca que o trabalho com a música na Educação Infantil se expressa de forma diferenciada:

A linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da auto-estima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social. (BRASIL, 1998, p. 49).

O professor deve trabalhar usando a ludicidade como estratégia de ensino e aprendizagem. As canções e jogos de transmissão oral podem ser usadas para esta finalidade:

Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos etc., são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem a necessidades de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva. (BRASIL, 1998, p. 48).

Outras orientações, no sentido de explorar a criatividade, são sugeridas pelo RCNEI:

- ouvir, perceber e discriminar eventos sonoros diversos, fontes sonoras e produções musicais;
- brincar com a música, imitar, inventar e reproduzir criações musicais.
- explorar e identificar elementos da música para se expressar, interagir com os outros e ampliar seu conhecimento do mundo; perceber e expressar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio de improvisações, composições e interpretações musicais. (BRASIL, 1998, p. 55).

Quanto aos conteúdos a serem ensinados, o RCNEI sugere que deve se respeitar a maturidade intelectual de cada criança. Algumas atividades podem ser realizadas de maneira que os conceitos a serem aprendidos aconteçam de forma leve, sem racionalização:

- a exploração de materiais e a escuta de obras musicais para propiciar o contato e experiências com a matéria-prima da linguagem musical: o som (e suas qualidades) e o silêncio;
- a vivência da organização dos sons e silêncios em linguagem musical pelo fazer e pelo contato com obras diversas;
- a reflexão sobre a música como produto cultural do ser humano é importante forma de conhecer e representar o mundo. (BRASIL, 1998, p. 57).

Num contexto em que a maioria dos educadores da educação infantil não tem uma formação específica em música, como já foi falado neste TCC, o RCNEI oferece a este profissional um trabalho contínuo no sentido de:

- sensibilizar-se em relação às questões inerentes à música;
- reconhecer a música como linguagem cujo conhecimento se constrói;
- entender e respeitar como as crianças se expressam musicalmente em cada fase, para, a partir daí, fornecer os meios necessários (vivências, informações, materiais) ao desenvolvimento de sua capacidade expressiva. (BRASIL, 1998, p. 67).

Com relação à avaliação, o RCNEI reporta que ela deve ser contínua, fundamentada na observação cuidadosa do professor nos procedimentos vivenciados pelas crianças.

O RCNEI é um documento que mostra de maneira clara não apenas atividades a serem feitas, mas porque devem ser feitas. O RCNEI não pode ser visto como um conjunto de regras a serem seguidas, mas orientações que induzem o professor a refletir sobre sua prática. Este documento foi elaborado na esteira da promulgação da atual LDB, em 1996. A partir de 2018, cresceram as discussões a respeito da implementação

da Base Nacional Comum Curricular – BNCC. A BNCC para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. A Base foi aprovada e homologada em dezembro de 2017. Por sua vez, o documento para o Ensino Médio foi aprovado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) no dia 4 de dezembro de 2018 e homologado na semana seguinte, no dia 14 de dezembro, pelo Ministério da Educação².

Aplica-se à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e indica conhecimentos e competências que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN), a BNCC soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. (BRASIL, 2018, p. 7).

Já no ano de 2020, as escolas estão exigindo a aplicação da BNCC para orientar os conteúdos aplicados nas aulas. A BNCC alega que o educador deve trabalhar de forma natural e procura mostrar o que considera uma evolução gradativa da aprendizagem, que deve ser feita buscando o desenvolvimento global do aluno. A formulação das propostas pedagógicas pretende alinhar em um só documento as políticas antes realizadas em âmbito federal, estadual e municipal (BRASIL, 2018, p. 8, 17).

No que diz respeito à Educação Infantil, a BNCC compreende que existem dez competências a serem respeitadas em todos os níveis:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos [...].
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências [...].
3. Desenvolver o senso estético para reconhecer, valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais [...].
4. Utilizar conhecimentos das linguagens verbal (oral e escrita) e/ou verbo-visual (como Libras), corporal, multimodal, artística, matemática, científica, tecnológica e digital [...].
5. Utilizar tecnologias digitais de comunicação e informação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas do cotidiano [...].
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais [...].
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental [...].

² Disponível em: <<https://www.somospar.com.br/bncc-base-nacional-comum-curricular/>>. Acesso em: 23 maio 2020.

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional [...].
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação [...].
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação [...]. (BRASIL, 2018, p. 18-19).

O documento explica quais são os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento que a criança deve ter na Educação Infantil: “conviver, brincar, participar, explorar, expressar, conhecer-se”. Esses direitos serão desenvolvidos em cinco campos de experiências: “O eu, os outros e o nós, Corpo, gestos e movimentos, Traços, sons, cores e formas, Oralidade e escrita, Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” (BRASIL, 2018, p. 23).

A BNCC organiza as crianças em três grupos faixa etárias a fim de que sejam estipulados objetivos diferentes para cada uma delas: de zero a um ano e seis meses; de um ano e sete meses a três anos e onze meses; e de quatro anos a cinco anos e onze meses. Com relação a esta divisão, ela está mais clarificada neste documento do que o RCNEI. Penso que essa disposição ajuda as escolas e os professores a elaborarem práticas mais condizentes para cada faixa etária.

Para a primeira fase, é recomendado: “Explorar sons produzidos com o próprio corpo e com objetos do ambiente”. Para segunda fase, é recomendado: “Criar sons com materiais, objetos e instrumentos musicais, para acompanhar diversos ritmos de música”. E para a terceira fase, é recomendado: “Utilizar sons produzidos por materiais, objetos e instrumentos musicais durante brincadeiras de faz de conta, encenações, criações musicais, festas” (BRASIL, 2018, p. 24).

Para a BNCC, a Educação Infantil é fundamental para o processo educacional, pois estabelece que a criança seja o “sujeito histórico e de direitos, que interage, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (BRASIL, 2018, p. 32).

A BNCC argumenta que as crianças aprendem de forma natural, em várias situações, vivenciando experiências que possibilitam aprendizagens, desenvolvimento e socialização no seu cotidiano.

O documento apresenta normas de aprendizagem para as crianças conforme as experiências e vivências de cada uma. A BNCC tem semelhanças com o RCNEI na questão das práticas educacionais quando coloca o educador como alguém que deve educar e cuidar:

As aprendizagens se tornam mais complexas à medida que a criança cresce, requerendo a organização das experiências e vivências em situações estruturadas de aprendizagem. Uma intenção educacional preside as práticas de orientação da criança para o alimentar-se, vestir-se, higienizar-se, brincar, desenhar, pintar, recortar, conviver com livros e escutar histórias, realizar experiências, resolver conflitos e trabalhar com outros. A construção de novos conhecimentos implica, por parte do educador, selecionar, organizar, refletir, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações. (BRASIL, 2018, p. 35).

Entre as páginas 36 e 38 da BNCC são apresentadas as ponderações a respeito de como a criança aprende e quais são os princípios que devem nortear as práticas pedagógicas. Comparando com o RCNEI, as informações não são suficientes. Por exemplo, fica difícil para uma professora inexperiente compreender qual a estratégia didática ela deverá usar para “criar oportunidades para as crianças ampliarem o modo de perceber a si mesmas e ao outro” (BRASIL, 2018, p. 36). No entanto, como os objetivos não são essencialmente diferentes daqueles apresentados no RCNEI, considero que a professora tenderá a seguir o RCNEI, devido ao fato da linguagem deste documento ser mais clara e simples do que a BNCC, ao menos no que diz respeito à Educação Infantil.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DA ENTREVISTA

Conforme explicado na Introdução deste TCC, para manter o anonimato da entrevistada, foi escolhido um nome fictício para contar sua história. Com exceção do LEMI, as outras escolas nas quais a professora atua serão apenas nomeadas como escola do Estado e escola do Município. A seguir, faço uma breve apresentação da professora, a fim de que o leitor conheça um pouco de sua formação e atuação profissional. Na sequência, analiso seus comentários, a respeito dos temas tratados na entrevista. Ressalto que as perguntas feitas à professora tiveram como base os textos estudados na Revisão da Literatura. As falas da professora estão colocadas em *itálico* para dar destaque à informalidade da linguagem oral.

3.1 Apresentando a professora

A entrevistada Lívia Alves veio de uma família musical. Seu pai foi cantor de seresta e, por muito tempo teve um grupo de samba. Uma de suas irmãs, a mais velha, sempre participou de grupos de cultura popular de maracatu; a irmã do meio é cantora e ainda hoje canta. Então, sua vida com a música começou bem cedo.

Por volta de seus 17 e 18 anos de idade, começou seus estudos formais na Escola Estadual de Música Anthenor Navarro (EEMAN). Ainda estudando no Ensino Médio, fez o vestibular para Música, tendo escolhido a Licenciatura e ao cursar a disciplina Estágio Supervisionado, teve sua aproximação com o projeto LEMI. A professora conta que pensava “*que não tinha muito jeito com criança*” e quis fazer parte do projeto para poder trabalhar esse aspecto de sua formação. Contanto com essa experiência no estágio feito no LEMI, a professora Lívia dá aulas de música para crianças desde 2012. Ela considera que esse projeto, que tinha como princípio o trabalho coletivo, tanto no planejamento quanto na regência das aulas, tornou possível que ela aprendesse entre pares e pudesse aprimorar sua didática através da troca de experiências com colegas mais experientes. Na UFPB ela ainda fez seu mestrado na área da Música. Depois de sair da universidade, começou a atuar em uma escola do Estado que adota estratégia similar à do LEMI, ou seja, mantendo os encontros dos professores para avaliar as estratégias pedagógicas. Por esse motivo, na entrevista, quando ela se refere à escola

estadual, ela está se referindo a um espaço diferenciado do Município, pois a proposta é parecida com a proposta do LEMI.

As aulas na escola Estadual onde atua, assim como no LEMI, são realizadas em duplas. Em sua opinião, esse é um fator importante para colaborar com a formação de um professor, pois apesar de ter cursado a Licenciatura, no início, ela não se sentia segura para fazer plano de aulas. Com os colegas, ela aprendeu que o planejamento não podia ser rígido, pois muitas vezes teve que ser mudado no decorrer das aulas. Além desta escola Estadual, a professora dá aulas em uma escola Municipal, atendendo da Educação Infantil ao 4º ano do primeiro ciclo do Ensino Fundamental.

3.2 A prática atual da entrevistada: diferenças em relação LEMI

Lívia se ressentia de não ter mais, como tinha no LEMI, a colaboração de colegas em sua prática no Município, pois além da ajuda na sala de aula, existia a prática do estudo em grupo:

[...] e hoje em dia não temos mais isso. Essa parte mais de formação, de sentar junto discutir um texto, a gente até tentou fazer isso no ano passado, a gente ainda fez alguns encontros, mas não é tão recorrente como era antes. Essa parte da discussão, do aprofundamento teórico, de formação que acontecia toda terça ou quarta, não lembro bem, mas todo o nosso planejamento tinha o momento de planejar e de discussão teórica. (Lívia, entrevista em 04/06/2020).

Em termos de estrutura das escolas, Lívia comenta que as escolas municipais acabam obrigando o professor a suprir com seus próprios recursos algo que já deveria ser fornecido pela escola. E ainda mesmo o Município oferecendo cursos ocasionais ou formações continuadas, Lívia acha que não são suficientes.

[...] quando fui aprovada na prefeitura, eu não tinha nada, absolutamente nada. Eu tive que ir comprando aos poucos. No meu primeiro ano eu passei com garrafa pet, chocalho de garrafa pet e copo, só. Também fazia percussão corporal e apreciação musical. A bandinha nessa época não tinha. eu vim achar um kit (bandinha) este ano, depois de cinco anos na escola, vim achar este ano. Mas a qualidade é muito ruim, de plástico, e só tinha um kit na escola. (Lívia, entrevista em 04/06/2020).

No início de sua carreira na escola do Município, a professora entrevistada revela a falta de contato das crianças com as aulas de Música ou mesmo de Artes, e isso foi um fator de dificuldade, no começo:

Então era tudo muito novo e muito difícil lidar com tudo isso, e principalmente a questão dos alunos não estarem acostumados com o espaço de Artes e ser o espaço de Música. Eles estavam acostumados com aquelas aulas de cortar, de pintar, aquelas aulas que também não usam a proposta de Artes visuais da escola. Acostumados com aquela aula de Artes bem artificial. Então, foi difícil de quebrar isso, ainda hoje, claro que depois de cinco anos na escola já conseguem ver com naturalidade essa questão da música, isso tudo foi no Município. (Lívia, entrevista em 04/06/2020).

Em termos de número de alunos, enquanto no LEMI a média era de 15 alunos por turma, orientados por dois educadores, na escola estadual a média é de 25, também com dois professores na regência. Na escola do Município atua sozinha. Ela relata que uma das turmas tem poucos alunos, 15, mas que a sala é minúscula. A outra turma de crianças pequenas tem 25 alunos. Ter muitos alunos dentro de uma sala de aula é algo que pode gerar indisciplina e dificuldade do professor em lidar com ela.

O trabalho em duplas para Lívia é um elemento importante e auxilia o professor, algo impossível de ser realizado nas escolas regulares do governo. O tamanho das turmas e o fato de estar sozinha quase foram motivo para fazê-la desistir do trabalho.

No LEMI era eu e mais duas pessoas, então isso é uma ajuda sem tamanho, porque você além de estar trocando experiência com os mais experientes, também troca com os novatos, que traziam muitas coisas novas. Tem essa questão de organização de sala de aula, de gestão de sala de aula, porque se você está com dois colegas, você consegue dar aula, você consegue gerir melhor sua sala de aula com a ajuda dos colegas. (Lívia, entrevista em 04/06/2020).

Perguntada sobre como fazer para manter a disciplina em turmas grandes, a entrevistada fala sobre o desafio que é manter a disciplina sem ter atitudes autoritárias:

Portanto, o meu grande desafio como professora é conseguir fazer esse diálogo sem ser autoritária e ao mesmo tempo controlar a turma, controlar a bagunça. Eu tenho a tendência de ser muito permissiva. A minha aprendizagem com os pequenos é tentar achar esse limite, os pequenos sempre nos colocam a prova. É muito fácil a gente querer ser autoritário e ser controlador com as crianças pequenas. [...] momento elas estão pedindo para a gente ser diferente desse adulto que elas já estão acostumadas a ver no seu dia a dia. E a gente fica nessa aprendizagem, e eu ainda estou tentando descobrir quais são esses caminhos do meio termo entre o escutar o que elas têm para nos dizer e por outro lado tentar ajudar de alguma forma. Percebo que a grande aprendizagem é ouvir o que ela tem para nos dizer, isso é muito difícil. (Lívia, entrevista em 04/06/2020).

A professora entrevistada apresenta sensibilidade ao fator emocional e social dos alunos, pois em vez de apenas se queixar da indisciplina das crianças, percebe que esta tem causas que estão além das questões escolares.

Além disso, eu tinha que pensar em estratégias para mantê-los ocupados. Ainda hoje pra mim é desafiador pensar naquele aluno que não quer fazer nada, que não está concentrado, que por mil motivos que com certeza a vida daquelas crianças, eu imagino, deve ser muito difícil até mesmo para um adulto suportar, para uma criança deve ser mais complicado ainda. (Lívia, entrevista em 04/06/2020).

Sobre os planejamentos relacionados ao LEMI sendo comparados aos da escola, Lívia mostra que é possível levar uma experiência que foi realizada com êxito no LEMI (trabalho por projetos) nas escolas públicas, no caso, ela procura trabalhar a partir de temas.

Essa questão do tema começou com o LEMI. Em 2012 a gente planejava sem essa ideia do eixo comum; a gente planejava cada turma, discutia os aspectos no geral naquele encontro e que a gente tinha de informação, mas era uma vez em cada semana que a gente se encontrava, então todos seguiam aquela estrutura rotina do LEMI, mas a gente não tinha esse eixo. Depois de um tempo no LEMI, a gente decidiu seguir um eixo temático para todos trabalharem da sua forma. (Lívia, entrevista em 04/06/2020).

Mais adiante na análise serão apresentadas outras maneiras que a professora encontrou de usar sua experiência no LEMI, adaptando-a aos outros ambientes escolares.

3.3 Conselhos da professora

Perguntada sobre conselhos que daria para professores iniciantes, Lívia diz que, além desse contato e ajuda dos colegas, o professor tem que estar sempre pesquisando na *internet* para conhecer o que está sendo discutido. Ela também menciona que as discussões teóricas ocorridas no mestrado sobre currículo e ensino a ajudaram muito a repensar sua própria atuação.

Então, pra mim o estudo e a pesquisa foram muito importante, também, nesse processo de me descobrir professora. Porque a gente continua, todo ano é uma novidade. Então é um processo de

aprendizagem que nunca cessa. Acho que, para os professores que estão iniciando, a conversa com os pares é essencial, e também a pesquisa: pesquisar material, pesquisar o que está sendo discutido também na área, acho essencial. (Lívia, entrevista em 04/06/2020).

Um dos questionamentos retirados dos estudos realizados para este TCC diz respeito à utilização de “gestos” pelas crianças enquanto cantam. Lívia pontua que ela faz essas canções a pedidos das crianças e nem sempre utiliza desse repertório, por achar inútil. Conforme ela mesma explica, a música da “Dona Aranha”, usa esses “gestos”. De acordo com a educadora Teca Alencar Brito, gestos sonoros são diferentes de gestinhos, usados em músicas como “Meu pintinho amarelinho”. Lívia não está muito de acordo com relação à crítica sobre o uso dessas canções, mas explica que escolhe canções que, mesmo tendo gestos, trabalhem outros conteúdos musicais:

A gente tenta levar outros repertórios, pois creio na importância dos gestos e da expressão como já falei, mas acho que é uma forma de trabalhar o “ouvido interno”. Por exemplo, fazer a música da “Dona Aranha” só com os gestos para fazer com que as crianças cantem na cabeça a música da aranha e trabalhem essa coisa do ouvido interno. (Lívia, entrevista em 04/06/2020).

Lívia acredita que trabalhar canções com gestual e percussão corporal ajudam muito no desenvolvimento da criança:

Portanto, você vê a resposta muito rápida quando se trabalha a percussão corporal e gestos com crianças pequenas de 2 a 3 anos. Já com as maiores, de 4 e 5, anos agente trabalha a prática instrumental de reprodução de pequenas células rítmicas, que ajudam no desenvolvimento da coordenação motora, a questão da memória e agora estamos tentando trabalhar a criação que para a gente é desafiador. (Lívia, entrevista em 04/06/2020).

Os gestos sonoros são as expressões musicais das crianças. Quando elas se movimentam no espaço, por exemplo, estimuladas pela música ouvida, estão manifestando um gesto sonoro. Contudo, como explica Lívia, nem sempre é possível não fazer as músicas com os “gestos” (caso do Pintinho Amarelinho), porque os pais, a escola e até mesmo as crianças pedem que sejam feitas essas canções.

A entrevistada dá conselhos sobre a prática da escolha do repertório e a importância do fazer musical:

As competências dentro dessa vivência cultural não são só repertório, mas também a linguagem, a forma como você fala, pois o repertório é muito importante, porque se você levar um repertório ruim, não dá certo. A vivência nos mostra isso. (Lívia, entrevista em 04/06/2020).

Alguns educadores brasileiros mencionados neste TCC, como Teca Alencar Brito e Cecília Cavaliere França apresentam questões parecidas com o que a professora Livia relata, ou seja, a música tem que estar presente como ação e não como teoria:

Ah! E tem as aulas práticas também, os meninos precisam cantar, precisam tocar algum instrumento, precisam fazer alguma percussão corporal, eles precisam estar em movimento, porque é uma aula para o Ensino Fundamental ou Educação Infantil e se você só fala e os meninos só olham... não tem condições. Então você tem que mantê-los sempre em movimento. Não podem ser atividades demoradas. Você tem que ter algumas atividades na manga, sim, para mantê-los sempre em movimento. Sempre com alguma coisa nova para eles se engajarem. Alguma novidade na atividade. Então é isso: uma coisa mais prática e ter um repertório cultural que eles se identifiquem. (Livia, entrevista em 04/06/2020).

Dando sequência aos conselhos apresentados pela entrevistada, Livia afirma a importância da repetição. Toda mãe ou professora de crianças pequenas está acostumada com o fato da criança querer ver um filme ou cantar uma música milhares de vezes, sem demonstrar que se cansou.

As crianças pequenas aprendem muito através do olhar, por repetição. Você tem que ser muito comunicativo, gesticular bem, falar bem explicado, falar com muita entonação, então eles fixam o olhar em você. Tem um jeito diferente de falar com eles. Acredito que elas aprendem muito mais assim pela diversão, olhando o que você vai fazer (repetição), para crianças pequenas tem que ser divertido, e se a aula for chata elas não aprendem nada. (Livia, entrevista em 04/06/2020).

Ou seja, além da repetição, a professora mostra que as crianças também aprendem brincando e imitando. Além disso, existem maneiras de se comunicar com gestos e entonação que são necessárias para atrair a atenção dos alunos.

3.4 As práticas pedagógicas possíveis

A professora Livia desenvolve algumas atividades importantes em relação à valorização da cultura popular, que são realizadas nas festas tradicionais da escola do Município:

Então, faço umas atividades com eles do Carnaval que sempre dão muito certo. [...] Para cada turma eu escolho uma manifestação cultural para trabalhar. Ou seja, uma turma fica com a escola de samba, outra com a quadrilha e outra com o urso. Tem outra que fica com as tribos indígenas. Então a gente vê vídeos, a gente faz umas

atividades de pesquisa assim: “Ah! Você conhece alguém que toca na escola de samba? Qual o nome dele? Qual instrumento que ele toca? Qual foi a escola de samba que ganhou ano passado?”. (Lívia, entrevista em 04/06/2020).

Em relação às coordenações pedagógicas das escolas em que ela atua, ela afirma que ocorrem orientações aos professores. Porém, aponta que os professores são muito cobrados para preencher dados burocráticos, mas não são ajudados ou realmente orientados para a prática pedagógica:

Mas acho que a coordenação pedagógica deveria ser mais pra isso de ajudar melhorar sua prática, orientar, lhe dar um feedback das práticas; isso eu acho que não estão fazendo. Na escola do município é uma coisa muito superficial; é mais na questão de diários, mais burocrático, a coordenação pedagógica é basicamente pra isso, só lhe procura para cobrar se fez o planejamento: “você fez o planejamento?” Não dão nenhum retorno para você se o planejamento está legal ou não está. (Lívia, entrevista em 04/06/2020).

Embora o uso de canções apenas para auxiliar outras atividades seja condenado por alguns autores (FRANÇA, 2011, p. 32), a professora entrevistada mostra que essa prática proporciona um intercâmbio saudável entre professores de áreas diferentes, além de ajudar na formação geral da criança:

Já fizemos algumas atividades simples e pequenas, tipo assim, perguntei para a professora: “Qual é atividade que você vai fazer hoje?”, a professora respondeu: “Vou ensinar os números.” Então ela acabou utilizando a música do “indiozinho”, ah! Então eu associei a aula dela com a minha sobre a “cultura indígena”, dessa forma, eu consegui fazer esse elo, uma interação nas nossas práticas pedagógicas que possibilitou uma comunicação conjunta. (Lívia, entrevista em 04/06/2020).

Então, apesar de existir essa visão da necessidade das práticas integradoras, conforme apontado por França (2011) nota-se, pela fala da entrevistada, que elas só ocorrem porque há boa vontade por parte dos professores. Ou seja, a coordenação pedagógica da escola não favorece a integração e essa integração fica à mercê do planejamento de cada professor: “[...] nós sabemos que não é fácil encontrar professores que disponibilizam em trabalhar desse jeito, mas sempre tem alguém aberto, disposto quando você acha uma pessoa assim, você vai nela”. (Lívia, entrevista em 04/06/2020).

A professora demonstra consciência a respeito da importância da interdisciplinaridade e procura fazer o possível, mas sabe que ainda é pouco. É preciso

compreender que nem sempre o que as pesquisas ou mesmo textos legais informam é algo fácil de ser colocado em prática, pois não depende apenas do professor, mas de toda uma estrutura que permita as proposições.

Concordando com a ideia de um dos textos lidos de França (2011) em relação ao eixo temático meio ambiente, a professora Lívia propõe atividades relacionadas às músicas usadas com o tema “paisagem sonora”, um pouco diferente da educação sonora de Murray Schafer:

Por exemplo, algumas atividades de sonorizações da cidade: “nessa cidade tem sons de florestas?” Já fiz algumas atividades de sonorização da nossa própria escola do Município: “quais são os sons que vocês gostariam de escutar? Ah! Porque aqui passa muito carro, tem muita poluição”. (Lívia, entrevista em 04/06/2020).

Perguntada sobre as atividades de criação musical, a professora relata que faz adaptações dos princípios da metodologia Orff para a realidade dela. Ou seja, em vez de usar instrumentos musicais para fazer ostinatos, ela usa a percussão corporal:

Na escola do Município eu faço mais a questão de improvisação que também são ideias de Orff em forma “rondó”. Você encontra um refrão ritmo de percussão corporal. Teve uma vez que fiz uma atividade muito legal sobre criação na escola do Município através de “quadros de artistas” (tinha um quadro que trazia a natureza, era um quadro pintado do Brasil colônia, outro quadro que era um casal dançando) e as crianças tinham que criar ou uma música ou sonorizar esses quadros. Deu super certo com uma turma do 5º ano e já com outras não teve, mas teve uma turma que fez paródia, fez criação foi bem interessante. (Lívia, entrevista em 04/06/2020).

As atividades de criação musical que a entrevistada faz são baseadas em um curso que ela participou com o professor “Jos Wuytack”³, que pauta suas aulas nas pedagogias de Orff. Lívia afirma que foi um curso marcante para ela, e com isso faz adaptações que na maioria das vezes dão certo como foi citado acima.

No que diz respeito à valorização da individualidade de cada criança, a entrevistada mostra que tal valorização é difícil de ser realizada em turmas muito grandes como as do município, pois podem aprofundar as desigualdades:

³ Jos Wuytack nasceu a 23 de março de 1935 em Gent, Bélgica. Completou estudos superiores em Música (Composição, Piano, Órgão), Pedagogia e Teologia. Tem realizado uma carreira internacional intensa como divulgador de uma pedagogia musical activa e criativa, baseada nas ideias de Carl Orff, de quem foi discípulo e amigo. Disponível em: [http://www.awpm.pt/joswuytack.php#:~:text=Jos%20Wuytack%20nasceu%20a%2023,%C3%93rg%C3%A3o\)%20Pedagogia%20e%20Teologia.&text=Tem%20realizado%20uma%20carreira%20internacional,quem%20foi%20disc%C3%ADpulo%20e%20amigo](http://www.awpm.pt/joswuytack.php#:~:text=Jos%20Wuytack%20nasceu%20a%2023,%C3%93rg%C3%A3o)%20Pedagogia%20e%20Teologia.&text=Tem%20realizado%20uma%20carreira%20internacional,quem%20foi%20disc%C3%ADpulo%20e%20amigo). Acesso em: 12 jun. 2020.

Por exemplo, [...] eu fiz uma experiência de autoavaliação. Era um livro com uma capa dourada que nomeei de “o livro de ouro”, e no final da aula eu escolhia um aluno para escrever qual foi a parte que ele mais gostou da aula e a que não gostou e com isso rolou a questão da valorização do que o aluno está pensando. [...]. Então vai dar mais trabalho se a gente ficar dizendo: “menino senta, não faz assim”, podendo ele, do que aceitar como ele é. (Lívia, entrevista em 04/06/2020).

Alguns pesquisadores mencionados neste TCC, como Stefene e Weber (2013), falam que o uso de “histórias sonorizadas” contribui para o desenvolvimento infantil, além de ser uma estratégia que ajuda a ampliar a escrita e a oralidade. Ao confrontá-la sobre o uso dessas histórias, a entrevistada comenta:

Sim, eu tenho uns livros que trabalham com isso são “Sons da Floresta”. Outro é “Sons da Cidade” e outro “Tarde do barulho”, que só é de sonorização de histórias e é através desses livros que trabalho essas histórias sonorizadas. Eu faço mais na escola regular. Mas já fiz algumas vezes na escola do Estado. É comum fazer isso com os pequeninhos. Eu tenho outro livro que fala dos animais da floresta e aí a gente brinca muito com os timbres dos animais. (Lívia, entrevista em 04/06/2020).

3.5 Sobre as orientações dos documentos oficiais

Ao ser perguntada sobre os documentos oficiais (RCNEI e a BNCC), a professora fala que teve contato logo no início de sua formação com o RCNEI, mas não lembra se o utiliza nas suas atividades na Educação Infantil. No entanto, ela parece ter incorporado às orientações do RCNEI, embora não perceba mais a influência desses documentos em sua prática, pois várias atividades que ela faz podem ser encontradas nos mesmos. A seguir apresento um exemplo da importância da ludicidade na condução das aulas, um tema bem enfatizado no RCNEI (p. 19, 39, 107) e que a professora já incorporou. Mas, ao mesmo tempo, a professora está valorizando o aspecto cultural na formação, algo que o documento também ressalta como importante (p. 20).

Algumas brincadeiras que eu faço muito utilizando as mãos é, por exemplo, “a Adoleta”, que tem que ser em grupo. Eu nunca levo atividades de jogo ou brincadeiras que excluam o aluno. Não dá certo, porque esse aluno quando sai do jogo ele começa a dispersar. Então, tem que ser sempre em grupinhos unidos em conjunto, para a aula dar certo. Então sempre faço atividades que precisam dessa ideia de conjunto. (Lívia, entrevista em 04/06/2020).

Lívia também mostra nesta atividade “Adoleta” que está em concordância com o RCNEI, que explicam que o educador deve sempre inteirar-se acerca das competências de suas crianças, valorizando seus esforços a respeito de como estão construindo e aprimorando seus conhecimentos em relação à sua própria aprendizagem.

Outro aspecto importante trazido pela entrevistada foi a questão do desejo da professora em relação a valorizar as manifestações culturais.

Além disso, desafia você a trazer essas coisas teóricas dentro do nosso universo cultural para que não fique uma coisa generalizada demais. Dizer para as crianças que tudo isso que nós estamos vivenciando está dentro da nossa vida, e que música é cultura e que também é vida, trabalhando os nossos conteúdos sempre dialogando com a nossa cultura e suas manifestações, para desenvolver muitas coisas abrangendo o conteúdo teórico musical até os conteúdos sociais. (Lívia, entrevista em 04/06/2020).

Outro ponto enfatizado nos RCNEI, mas também na BNCC, trata da importância de se respeitar a maturidade intelectual de cada criança. Ela mostra que algumas atividades podem ser realizadas de maneira que os conceitos a serem aprendidos aconteçam de forma leve, sem racionalização: “[...] *eu tenho essa dificuldade, mas mesmo assim levo algumas atividades, como: coco de roda, ciranda, mas por eles serem pequenos eu não consigo fazer esse diálogo mais aprofundado*”. (Lívia, entrevista em 04/06/2020).

A respeito do conhecimento dos documentos oficiais apresentados neste TCC, a entrevistada menciona a utilização da BNCC em uma das escolas e a questão da obrigação de seu uso em seus planos de ensino, fazendo uma crítica ao que é proposto neste documento:

A nossa BNCC é bem geral e tudo o que agente já faz está dentro das competências, a BNCC estou usando, então, por exemplo: “Conhecer o samba como parte das manifestações culturais carnavalescas”. Então, coloquei uma habilidade bem geral que tem na BNCC referente a essa atividade. (Lívia, entrevista em 04/06/2020).

A BNCC é bem clara quando fala que a criança aprende de forma natural em várias situações, vivenciando experiências que possibilitam aprendizagens, desenvolvimento e socialização no seu cotidiano. Portanto, apresenta certa semelhança com o RCNEI nas práticas educacionais na maneira de educar e cuidar. A professora, mostrando conhecer a BNCC, comenta:

A BNCC não tem uma sequência de série, são habilidades que você só pode trabalhar com todas as turmas. Então, o que você já faz, muitas

vezes já se encaixa na BNCC. Tem outra atividade que fiz: “Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados (EF15AR15)”, é uma habilidade que está na BNCC. Ou seja, é uma coisa bem geral, que qualquer aula sua já bate com os requisitos que a BNCC oferece. (Lívia, entrevista em 04/06/2020).

3.6 Conclusão do capítulo

Na entrevista foi possível observar como a experiência no LEMI deu suporte à professora, quando ela passou a lecionar em ambientes diferentes. Apesar das dificuldades, ela fez com que a sua prática contribuísse para o aprendizado das crianças, valorizando a perspectiva cultural na formação de cada uma. Pela sua trajetória, é possível perceber a fundamental importância das atividades lúdicas para aprendizagem das crianças da educação infantil. Assim, é possível despertar a imaginação, a criatividade e o interesse de cada criança para o desenvolvimento da atividade proposta pela professora. Ou seja, o elemento lúdico é um forte aliado metodológico do professor que ensina brincando sem obrigações, proporcionando uma aprendizagem prazerosa. A entrevista ajudou a esclarecer alguns questionamentos sobre sua prática como educadora em diferentes ambientes escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo de estudo compreender como a professora pesquisada faz adaptações de acordo com sua experiência obtida no LEMI, para atuar nos ambientes de escola públicas. A entrevista foi realizada visando compreender as concepções da professora sobre a música na Educação Infantil. A partir deste procedimento metodológico, foi possível perceber as metodologias utilizadas por ela, e quais foram as suas principais estratégias, além de compreender suas concepções sobre educação musical. A pesquisa também permitiu aprofundar o conhecimento sobre os principais documentos oficiais que tratam da Educação Infantil.

Outro objetivo realizado foi pesquisar os grandes pedagogos e educadores que influenciaram a Educação Musical Infantil no Brasil. Deste modo foi possível usar esse conhecimento para formular a entrevista e, também para embasar análise da mesma. Foi possível perceber que algumas orientações reveladas tanto na revisão da Literatura quanto nos documentos oficiais contradizem alguns pensamentos e reflexões da professora. Sendo assim, foi de suma importância levá-la a responder alguns questionamentos na entrevista, que deram embasamento para esclarecer acerca do uso desses documentos oficiais.

Percebi que a professora pesquisada, ao ter uma experiência numa disciplina feita na sua graduação, conheceu e trabalhou no LEMI. Dessa experiência, adquiriu conhecimentos que serviram de apoio para a sua prática. Esse trabalho possibilitou a troca de experiências com outros colegas mais experientes. No entanto, observei que ela emprega estratégias metodológicas em outro ambiente musical que é semelhante a este projeto, mas também incorpora algumas de suas práticas nos ambientes das escolas municipais. Com relação à sua prática nas escolas do Município, a professora reportou que o número maior de crianças e o fato de estar sozinha com elas foi um fator que quase a fez desistir da profissão. Embora na entrevista a professora tenha alegado que havia lido há muito tempo o RCNEI e que não o tomava como base, percebe-se que muitos elementos de sua prática estão de acordo com as orientações desse documento.

Desta maneira, por meio desta análise destaca-se, através dessa pesquisa, que foi possível constatar que a professora faz uso das atividades lúdicas, que estão em concordância com o RCNEI, além de sua prática valorizar os elementos da cultura dos alunos. Desse modo, as vivências musicais na vida da criança, impulsionam sentidos,

socialização e momentos que envolvem a família, desenvolvendo a memória, a atenção e a concentração que ajudam nos seus processos educacionais e sociais. Portanto, as canções, brincadeiras de roda, jogos musicais e até mesmo movimentos corporais, proporcionem nas crianças uma oportunidade de interagir em grupos e ajudando-as a se desenvolverem socialmente.

Na revisão da literatura, encontrei reflexões em autores que ajudaram a compor os questionamentos feitos na entrevista, que foram aprofundados nas atividades propostas pela professora como, por exemplo, *histórias sonorizadas*, que ela utiliza nas escolas regulares.

Foi possível perceber que a professora se ressentia da falta de recursos da escola e da ausência de cursos de formação continuada. Muitas vezes é o próprio professor que tem que pesquisar para adquirir seu conhecimento e aprimorar sua prática como educador. No entanto, cursos e formação continuada, são importantes para o educador infantil, pois a sua atuação em sala de aula seja de forma direta ou indireta influenciam no processo educativo das crianças para um bom aprendizado. Por isso, como professora considero importante que o educador esteja sempre pesquisando, buscando conhecimentos para a sua prática.

Neste trabalho de conclusão de curso, eu aprendi a me expressar melhor na escrita, a pesquisar alguns textos relacionados à Educação Infantil. Além disso, pude aprender a fazer um trabalho acadêmico.

Vale ressaltar que já tenho uma experiência em dar aula na área da Educação Infantil, pois há cinco anos lecionei em duas creches, mesmo antes de começar a cursar a licenciatura, mas que me serviram de experiências. Assim, foi possível confrontar o que eu já fazia nas aulas com o que aprendi por meio dos estudos realizados e também pela perspectiva de outra professora, formada e mais experiente.

Na minha trajetória em dar aulas, eu fazia atividades musicais que alguns dos textos lidos criticam, por exemplo, as “canções com gestinhos”, como as músicas: meu pintinho amarelinho; dona aranha; caranguejo; piaba e dentre outras. Essas canções não são recomendadas por alguns educadores brasileiros. Mas, no contexto da prática é bem diferente, pois vivenciei esse tipo de musiquinhas dentro de sala de aula pelas próprias professoras polivalentes, então acabei fazendo também. A entrevistada também disse que as próprias crianças pedem para cantar esse tipo de música.

Espero que esta minha pesquisa possa servir para ajudar na melhoria da qualidade da educação musical, assim como ajudou em minha própria prática. Mesmo

tendo aprendido os elementos básicos na formação acadêmica, pude consolidar outros aprendizados.

Outro ponto importante foi perceber a importância de buscar compreender as leis, investigando o que elas têm na área da música.

Portanto, a experiência de ter pesquisado e a oportunidade de refletir sobre as práticas pedagógicas de uma professora mais experiente, me proporcionou um enriquecimento ainda maior nos meus conhecimentos, que vão me ajudar como professora. Espero que sirva como orientação para outras pessoas, assim como dar suporte ao nosso cenário musical na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Igor de Tarso. A musicalização Infantil na UFPB, onde o discente explora e refaz sua prática docente: uma abordagem inicial. *In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL*, 22, 2015, Natal. **Anais...** Disponível em: <https://www.amplificar.mus.br/A-musicalizacao-Infantil-na-UFPB--onde-o-discente-explora-e-refaz-sua-pratica-docente--uma-abordagem-inicial>. Acesso em: 26 ago. 2019.

BEZERRA, Igor de Tarso. Musicalizando crianças: vivências na prática docente. *In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL*, 21, 2013, Pirenópolis. **Anais...** Disponível em: <https://www.amplificar.mus.br/Musicalizando-criancas--vivencias-na-pratica-docente>. Acesso em: 26 ago. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Proposta preliminar. Segunda versão revista. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 23 mai. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil RCNEI: Conhecimento de Mundo. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998c, 3v. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2020.

BRITO, Teca Alencar. Gesto, escuta, pensamento: o jogo musical da infância. *In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA*, 23, 2013, Natal. **Anais...** Disponível em <https://www.amplificar.mus.br/Gesto--escuta--pensamento--o-jogo-musical-da-infancia>. Acesso em 12 fev. 2020.

FRANÇA, C. C. Ecos: educação musical e meio ambiente. **Música na Educação Básica**, v. 3, n. 3, p. 28-41, 2011. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/revista_musica/ed3/pdfs/artigo2_3.pdf. Acesso em: 23 mai. 2020.

FRANÇA, Cecilia Cavalieri. Sopa de letrinhas: notações analógicas (des)construindo a forma musical. **Música na Educação Básica**. Porto Alegre, v.2, n. 2, setembro de 2010. Disponível em < http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista_musica/ed2/pdfs/MEB2_artigo1.pdf> Acesso em 05 fev. 2020.

MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz. **Pedagogias em educação musical**. Curitiba: IBPEX, 2011.

PACHECO, Eduardo Guedes. **Educação Musical na Educação Infantil: uma investigação-ação na formação e nas práticas das professoras**. 2005. [118f.]. [Dissertação] (Pós-Graduação) [(Mestrado)]. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFSM, Santa Maria, 2005. Disponível em:

<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6794/EDUARDO%20PACHECO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 ago. 2019.

PENNA, M. **Música(s) e seu ensino**. 2. Ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

PENNA, Maura. **Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SCARAMBONE, Denise Cristina Fernandes. Práticas musicais na educação infantil: uma pesquisa-ação. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 24, 2014, São Paulo. **Anais...** Disponível em: <http://www.anppom.com.br/congressos/index.php/24anppom/SaoPaulo2014/paper/viewFile/2847/607>. Acesso em: 05 mar. 2020.

SILVA, Luana Valentim; KONOPLEV, Ekaterina. Princípios pedagógicos para Iniciação ao Piano de Antonio de Sá Pereira e Liddy Chiaffarelli Mignone. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22, 2015, Natal. **Anais...** Disponível em <http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/xxiicongresso/xxiicongresso/paper/viewFile/1459/359>. Acesso em 12 fev. 2020.

SOUZA, Letícia Caroline; SANTIAGO, Patrícia Furst. Estratégias Pedagógicas para a Musicalização Infantil. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22, 2015, Natal. **Anais...** Disponível em: <https://www.amplificar.mus.br/Estrategias-Pedagogicas-para-a-Musicalizacao-Infantil>. Acesso em: 26 ago. 2019.

STEFENE, Lusiane; WEBER, Vanessa. Histórias sonorizadas na educação infantil: o trabalho de pedagogos da rede municipal de ensino de Santa Maria. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 21, 2013, Pirenópolis. **Anais...** Disponível em: <https://www.amplificar.mus.br/data/referencias/ver/Historias-sonorizadas-na-educacao-infantil--o-trabalho-de-pedagogos-da-rede-municipal-de-ensino-de-Santa-Maria>. Acesso em: 23 out. 2019.

APÊNDICE 1

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Antes de começar a entrevista, foi acordado entre as partes que o nome da entrevistada seria trocado por um fictício, de maneira a preservar seu anonimato. Foi comunicado à professora que ela não era obrigada a responder alguma pergunta que ela considerasse inconveniente.

- Você poderia falar sobre sua experiência musical, onde estudou, que instrumento toca e um pouco sobre sua experiência na Educação Infantil.
- Quantos anos você tem de experiência dando aulas para crianças?
- Em que escolas atuou / atua?
- Quantas crianças têm por sala na sua prática atual? Quantas tinham no LEMI?
- Em termos de dificuldade no início, o que você pode contar sobre suas experiências. Quais foram às dificuldades que você enfrentou no início já tendo experiência no LEMI (UFPB) e passando para as escolas, quando foi aprovada nos concursos?
- Você teria alguma sugestão para quem está iniciando nessa profissão?
- Quais fatores influenciam a participação das crianças?
- Você poderia me dizer algumas atividades que você faz com as crianças e que você considere importante?
- O que as crianças costumam gostar de fazer na aula de música?
- Você faz atividades de criação musical?
- No LEMI, tinha a participação dos pais. Agora, nessa nova escola, isso é possível?
- Quais são as diferenças mais significativas entre o LEMI e o seu trabalho atual?
- Quais foram às diferenças do LEMI (UFPB) para agora nas escolas regulares, principalmente nas quantidades de alunos nas salas?
- A coordenação pedagógica das escolas te dão orientações?
- Você usa como base algum documento, como o RCNEI ou a BNCC? Já leu alguns desses documentos?

A partir daqui, eu tenho algumas perguntas que foram retiradas dos textos que eu li. Alguma você já respondeu, mas vou perguntar novamente e você responda o que for possível.

- Como podemos contribuir para a formação musical e humana das crianças?
- Qual é a melhor maneira de elaborar práticas musicais integradoras?
- Como podemos valorizar a expressividade e individualidade de cada criança?

- Como a criança pequena aprende? O que elas nos ensinam? Que conteúdos musicais devemos trazer para as aulas?
- Qual o tipo de canções infantis você usa?
- Como você trabalha a questão do corpo e do movimento?
- Você faz alguma coisa para melhorar a socialização em grupo?
- Você faz alguma atividade de criação musical?
- Você usa histórias sonorizadas?
- Você trabalha com algum tipo de notação musical?
- O que você das musiquinhas usadas tradicionalmente nas escolas?
- Você usa aquelas musicas que as crianças fazem gestos (ex: pintinho amarelinho)?
- O que você acha de estabelecer rotinas?
- Como é que você escolhe os conteúdos do RCNEI e da BNCC?
- Você faz instrumentos de sucata com as crianças?
- Depois vocês fazem alguma performance com esses instrumentos?
- Você usa algum tipo de interdisciplinaridade?
- Você encontra uma relação entre a música e o meio ambiente?
- Você fala sobre poluição sonora?
- Como você lida com várias crianças gritando ou falando alto ao mesmo tempo?
- Fale sobre os planejamentos em relação ao LEMI (UFPB) comparado a das escolas do Estado e Município.

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título: PROCESSOS DE EDUCAÇÃO MUSICAL INFANTIL NA EDUCAÇÃO BÁSICA SOB A PERSPECTIVA DE UMA PROFESSORA

OBJETIVO DO ESTUDO: O objetivo geral deste estudo é compreender como a professora pesquisada adapta sua experiência obtida no LEMI nos ambientes de escola públicas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Compreender as concepções da professora sobre música na Educação Infantil; Destacar as metodologias utilizadas pela professora; Identificar as principais estratégias utilizadas pela a professora; Analisar as principais concepções sobre educação musical nas pesquisas brasileiras; Estudar as principais diretrizes a respeito da Educação Infantil nos documentos legais.

ALTERNATIVA PARA PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO: Você tem o direito de não participar deste estudo ou de não responder às questões propostas nesta pesquisa.

PROCEDIMENTO DO ESTUDO: Se você decidir integrar este estudo, você participará de uma entrevista individual que durará aproximadamente 60 minutos. A análise de sua fala será apresentada em um Trabalho de Conclusão de Curso.

GRAVAÇÃO EM ÁUDIO: A entrevista será gravada e posteriormente transcrita. Caso não queira que seu nome seja divulgado, será mantido o anonimato.

RISCOS: Assim você pode escolher não responder quaisquer perguntas que a façam sentir-se incomodada.

BENEFÍCIOS: Sua entrevista ajudará a compreender estratégias de ensino de música, podendo ou não ser que sejam para seu benefício direto. Entretanto, fazendo parte deste estudo você estará ajudando professores com pouca experiência a compreender a realidade do trabalho de educação musical na Educação Infantil, na Educação Básica.

CONFIDENCIALIDADE: O seu nome será mantido no anonimato, bem como os dados que possam identificar sua pessoa.

DÚVIDAS E RECLAMAÇÕES: Esta pesquisa está sendo realizada na Escola de Música da UFPB. Possui vínculo com a Universidade Federal da Paraíba – UFPB através do Curso de Licenciatura em Música, sob a orientação da Prof^a Silvia Garcia Sobreira. As investigadoras estão disponíveis para responder a qualquer dúvida que você tenha. Caso seja necessário, entre em contato pelo

telefone (83)99604-0587 ou email lydiannenascimento@gmail.com. Você terá uma via deste consentimento para guardar com você. Você fornecerá nome, endereço e telefone de contato apenas para que a equipe do estudo possa lhe contatar em caso de necessidade. Seus dados serão mantidos em sigilo.

Eu concordo em participar deste estudo.

Assinatura (Participante):

Data: _____

Endereço _____

Telefone _____ de _____ contato

Assinatura (Pesquisador):

Nome: _____

Data: _____